CONFIDENCIAL

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA RIO DE JANEIRO

INFORMAÇÃO Nº 17 / 43 /ARJ/ 83.

DATA : 9.9.83
ASSUNTO : A QUESTÃO PALESTINA (DADOS BÁSICOS).
REFERÊNCIA : PB 2680/42/AC/83, de 22 JUL 83; INFÃO 26/42/ARJ/83, de 15 AGO 83.
ÁREA : ORIENTE MÉDIO.
PAÍS :
DIFUSÃO ANT. :
DIFUSÃO : AC/SNI.
ANEXO :

1. A QUESTÃO PALESTINA

O litígio que se convencionou chamar "A QUESTÃO PALESTINA", tem as suas raízes principais em fatos relativamente recentes em termos de História: a criação do Movimento Sionista, o despertar do nacionalismo palestino, o jogo de interesses estratégicos das grandes potências e a criação do ESTADO DE ISRAEL.

No início do século XIX, a maior concentração de judeus fazia-se notar nos países da Europa Oriental, principalmente POLÔNIA, LITUÂNIA, RUSSIA e HUNGRIA.

Na Europa Ocidental a população judaica estava em franco processo de assimilação. Quando na Europa Oriental começou o desenvolvimento da classe média e da pequena burguesia nacional e o capitalismo nascente entrou em crise, os judeus passaram a ser alvo de perseguições violentas, de "progroms" em vários países, o que deu ensejo a uma emigração em massa para o Ocidente, onde despertou um violento sentimento anti-judaico por parte da pequena burguesia, alarmada com a chegada de novos concorrentes. Em seu livro "The Jews in the Modern World", observa Arthur Ruppin: "O fluxo dos judeus da Europa Oriental para a Ocidental, interrompeu o processo de inevitável desaparecimento dos judeus da Europa Ocidental ... . Sem a emigração da Europa Oriental, as pequenas comunidades judias da INGLATERRA, FRANÇA e BÉLGICA teriam provavelmente perdido seu caráter judeu. O mesmo pode se afirmar sobre os judeus alemães".

Foram os "progroms" e a emigração judaica do Oriente para o Ocidente europeu, no final do século XIX, que motivaram o Barão de Rothschild e outros magnatas judeus que tinham vultuosos negócios

CONFIDENCIAL

nas principais capitais da Europa Ocidental (e que não desejavam vê-la invadida por milhares de imigrantes judeus, oriundos principalmente da Russia tzarista) a financiar, em 1882, a fundação de colonias judias na PALESTINA, comprando terras e empregando mão de obra local e barata.

Esta primeira iniciativa teve o seu entusiasmo inicial arrefecido paulatinamente, até que em 1896, Theodor Herlz, jornalista austríaco, impressionado com o desfecho do "affaire" Dreyfus e o clima de anti-judaismo reinante na Europa, publicou o livro intitulado "O Estado Judeu", que se tornou, de pronto, a Bíblia do Movimento Sionista.

Em 1897, realizou-se em Basiléia, o primeiro Congresso Sionista, que teve como plataforma incrementar o "retorno à PALESTINA". Desenvolveu-se intensa propaganda baseada numa assertiva falsa: "Uma terra sem nação, para uma nação sem terra". Ora, há séculos que os habitantes da região eram palestinos de origem árabe na sua quase totalidade, possuidores de costumes, cultura e tradições próprios.

A partir de 1904-1905, verificou-se a segunda onda de imigração sionista, constituída na sua maioria de judeus russos, influenciados pelas idéias socialistas e dispostos a "salvar a colonia judia, reintroduzindo o trabalho judeu".

Aliás, no Congresso Sionista em Basiléia, foi recomendado "o sistemático estímulo à colonização da PALESTINA pela fixação de agricultores, artífices e operários judeus".

Helena Salem, em seu livro "Palestinos - os novos judeus", cita uma análise feita pela Organização Socialista Israelense (Matzpen), publicada em julho de 1969 sob o título "The Other Israel": "Quando no início do século a imigração sionista começou a aumentar na PALESTINA, não foi possível ignorar o fato de que o país já era povoado.

Como em toda sociedade colonizadora, os colonos sionistas tiveram que estabelecer uma política determinada quanto à população local. Aquí nós chegamos ao aspecto específico do sionismo, aspecto que o distingue de todas as outras formas de colonização dos tempos modernos.

Nas outras colonias, os colonos europeus procuraram explorar as riquezas do país, inclusive o potencial dos habitantes locais, transformando invariavelmente a população em uma classe prole-

tária no seio de uma nova sociedade capitalista. Mas o sionismo não desejava apenas os recursos da PALESTINA, que, de qualquer maneira, não eram tão importantes, mas o próprio território que deveria servir para a criação de um novo ESTADO nacional. Esta nova nação deveria ter suas próprias classes sociais, inclusive uma classe operária. Em conseqüência, os árabes não deveriam ser explorados mas substituídos na sua totalidade".

Os sionistas criaram o Banco Nacional Judaico e o Fundo Nacional Judaico que passou a comprar terras na PALESTINA, pertencentes aos grandes latifundiários residentes no LÍBANO e na SÍRIA, que as arrendavam aos camponeses locais. Estes, ao serem expulsos pelos novos proprietários, começaram a resistir. Surgiu uma animosidade entre árabes e judeus que nunca existira no Oriente Médio em sua história passada. Até mesmo na Espanha sob o domínio árabe, judeus e mouros conviviam em perfeita harmonia. Com a colonização sionista na PALESTINA, o judeu passou a viver uma "realidade nova que nada tinha a ver com a dos seus próprios irmãos judeus nativos".

A meta final do sionismo não era, como se apregoava, o estabelecimento de um Lar Judeu na PALESTINA e sim a implantação de um ESTADO JUDEU, tal como foi proposto na Conferência de Paz de Versailles em 03 Fev 1919, proposta que refletia os ensinamentos de Theodor Herlz: "O slogan que devemos lançar deve ser: a PALESTINA de David e Salomão. A superfície: desde o rio do EGITO ao Eufrates". Afirma Bouchau Dagani no seu estudo "Les risques d'explosion du problème palestiníen": "Estas fronteiras englobam territórios que pertencem hoje a países árabes, como o sul libanês, as margens oriental e ocidental do Jordão, uma parte do norte de Hedjaz (JORDÂNIA) e toda a península do Sinai. Desde a sua criação ISRAEL assesta golpes nos países vizinhos, na esperança de conquistar esses territórios e ainda outros".

A imigração na PALESTINA e bem assim a instalação de colonias judaicas só foi interrompida com o início da 1ª Guerra Mundial.

Os sionistas que apoiavam a INGLATERRA continuavam reinvidicando o estabelecimento do Lar Nacional Judeu, pretensão que mascarava o objetivo final: o ESTADO DE ISRAEL, que se propunha vir a ser a "muralha protetora da civilização européia contra a barbárie afro-asiática".

Amós Oz, em seu estudo "Sionisme et Palestine" cita um relatório enviado ao Gabinete Britânico em 1915, por Herbert Samuel, fu-

turo Alto Comissário na PALESTINA, onde se lê: "Se tentarmos colocar os 500 a 600 mil muçulmanos de raça árabe sob um governo apoiado nos 90 a 100 mil habitantes judeus, não é certo que um tal governo, mesmo se ele for estabelecido pelas autoridades das potências, possa se fazer respeitar. O sonho de um ESTADO JUDEU, próspero, avançado, o lar de uma civilização brilhante poderia se desvanecer em uma série de conflitos com a população árabe".

Em 02 Nov 1917, Lord Balfour, Ministro das Relações Exteriores, envia a Lord Rothschild, sob instâncias do líder sionista Chain Weizmann, uma declaração afirmando: "O Governo de Sua Majestade favorece o estabelecimento de um lar nacional para o povo judeu e utilizará seus melhores esforços para a consecução desse objetivo, ficando claramente entendido que nada será feito que possa prejudicar os direitos civis e religiosos das comunidades não judaicas na PALESTINA".

Em 31 Out 1918, é assinado o armistício na PALESTINA, pondo fim a 400 anos de domínio otomano e em 16 Jun 1919, a chancelaria britânica anuncia que os territórios árabes libertados por esforço próprio terão independência completa e soberana, sob garantia britânica.

A Liga das Nações, cedendo às pressões das nações colonialistas, divide o Oriente Médio: a PALESTINA, dada a sua posição estratégica, tem sido alvo da cobiça das grandes potências e a INGLATERRA nunca fez segredo de pretender manter a sua influência naquela área, para fortalecer o seu controle sobre o canal de Suez, assim como estreitar os laços com o EGITO e o SUDÃO.

A FRANÇA alimentava também os seus sonhos colonialistas na região e assim após o término da 1ª Guerra Mundial as duas potências partilharam o Oriente Médio.

A INGLATERRA obteve os mandatos do IRAQUE, PALESTINA e TRANSJORDÂNIA (esta separada artificialmente da PALESTINA em 1920 e entregue ao Rei Hussein). A FRANÇA ficou como mandatária na SÍRIA e no LÍBANO.

O aumento da imigração sionista com a consequente instalação de propriedades rurais e discriminação por parte dos novos colonos em relação à população árabe-palestina, fez crescer a animosidade e gerou protestos do Congresso Palestino Árabe, liderado pelo Grão Mufti de JERUSALÉM, que apresentou a Churchill, então Ministro

das Colonias, protesto formal, o que motivou a publicação, [illegible] de LONDRES, do Livro Branco negando a intenção de criar uma PALESTINA judaica.

Os primeiros atritos violentos entre árabes e judeus são assinalados em JAFA, onde colonias judias são atacadas por beduinos, em 1921, ensejando a criação de uma força defensiva clandestina, a "HAGANAH".

Em 1929, desordens no interior do país provocando a destruição de plantações de judeus e dificilmente sufocadas pelos ingleses, dão margem à divulgação de um segundo Livro Branco limitando a imigração judaica, o que gera veementes protestos por parte dos sionistas.

Em 1931, a população da PALESTINA era de 1.036.000 habitantes, dos quais 175.000 eram judeus. Com a ascenção de Hitler ao poder na ALEMANHA e a consequente perseguição aos judeus, houve um considerável aumento da imigração judaica o que provocou a luta das massas populares encabeçadas pelos camponeses famintos, segundo Juraj Rácz e Michael Janata, autores do livro "From Camp David to Beirut". Surgiram os primeiros grupos armados palestinos, unidades paramilitares de guerrilheiros que representavam a ponta de lança da resistência.

Os distúrbios alcançaram o seu climax entre 1936 e 1939 com uma insurreição palestina apoiada por grandes massas populares. Os guerrilheiros palestinos atacaram bases militares inglesas assim como colonias judaicas, particularmente na parte norte do país.

As autoridades britânicas, preocupadas e pressionadas pelos movimentos de revolta palestinos, publicaram em 1939 um novo Livro Branco, estabelecendo que entre 1939 e 1944, apenas 75.000 judeus poderiam imigrar para a PALESTINA e após esse período, toda a imigração deveria ser previamente submetida aos árabes.

Em represália, foi criada a organização terrorista "IRGUN", por elementos sionistas revisionistas, comandados por MENACHEN BEGIN, dissidentes da "HAGANAH" e do grupo terrorista "STERN" e que passaram a desfechar ataques contra os árabes e os ingleses.

As atrocidades então cometidas fortaleceram ainda mais o nacionalismo palestino e despertaram a simpatia do mundo árabe a seu favor.

Em novembro de 1947, a Assembléia Geral da ONU aprovou a partilha da PALESTINA em dois territórios — um árabe e outro ju-

deu — além dos lugares sagrados, considerados neutros. A decisão da ONU foi aceita pela Agência Judaica, sob protesto dos sionistas revisionistas liderados por BEGIN, que defendiam, como defendem hoje, a posse territorial de todo o ISRAEL bíblico, enquanto a Liga Árabe, por seu lado, indignada por não ter sido ouvida, jurava fidelidade à causa dos árabes palestinos e se negava a aceitar a existência do ESTADO DE ISRAEL.

Em 14 Mai 1948, enquanto o Alto Comissário Britânico deixava a PALESTINA, DAVID BEN GURION anunciava a criação do ESTADO DE ISRAEL.

É interessante lembrar que a INGLATERRA e os ESTADOS UNIDOS, cada qual por razões próprias, não desejavam a partilha e eram contrários a um ESTADO judeu. A URSS que objetivava eliminar a influência das potências ocidentais no Oriente Médio passou a ser, na época, defensora ferrenha da causa sionista, através dos inflamados discursos de ANDREY GROMIKO e este apoio foi concretizado com o fornecimento de armas da TCHECOSLOVÁQUIA à ISRAEL, quando as forças da SÍRIA, TRANSJORDÂNIA, LÍBANO, IRAQUE e EGITO invadiram o recem-criado ESTADO.

Vitorioso nesta primeira guerra, ISRAEL apodera-se de terras palestinas, expulsando os seus habitantes que se refugiaram nos países vizinhos

"O ESTADO DE ISRAEL que, pela partilha da ONU deveria ter 14.100 km^2 (com 1.008.800 habitantes dos quais 509.780 árabes, maioria portanto) aumentou para 20.000 km^2, e o ESTADO PALESTINO, previsto para 11.500 km^2 (com 814.000 habitantes, dos quais 10.000 judeus) desapareceu. A JORDÂNIA anexou a Cisjordânia e o EGITO passou a controlar Gaza".

Com a expulsão dos palestinos, foram criados campos de refugiados em Gaza (ligada ao EGITO) e na Cisjordânia (anexada ao reino hachemita). Outros países vizinhos, tais como o LÍBANO, a SÍRIA ou o EGITO, recusam a integração dos refugiados, que subsistem graças à ONU.

Manobrados para fins políticos pelo mundo árabe, ignorados ou perseguidos por ISRAEL, incapazes de se organizar num verdadeiro movimento nacional, os palestinos se encerram em seus campos. Em todo lugar são considerados como intrusos. Sua assimilação se choca contra uma dupla resistência: a sua e a dos seus hospedeiros. Em

1969, GOLDA MEIR, Presidente do Conselho Israelense, afirmava que os palestinos não existiam como povo, pois eles próprios se consideravam "sírios do sul". Sobre ser facciosa, tal afirmativa não condiz com a realidade. "Nahnu A'Edun" (nós voltaremos), é a promessa que fazem centenas de milhares de palestinos quando, em 1947, mas sobretudo em 1948, são expulsos de suas terras ou delas fogem temendo o terrorismo do "IRGUN" ou do grupo "STERN".

2. A RESISTÊNCIA PALESTINA

Dentre as pequenas e fragmentadas organizações que começaram a se formar no período do mandato britânico e principalmente após a primeira guerra árabe-israelense, somente o "MOVIMENTO NACIONALISTA ÁRABE" (MNA), fundado por GEORGE HABASHE em 1953, teve alguma significação até 1958. No ano seguinte, alguns estudantes e intelectuais começaram a articular, em Gaza, a fundação de uma organização de libertação. O primeiro grupo que tentou integrar a fragmentada resistência, foi o "MOVIMENTO DE LIBERTAÇÃO DA PALESTINA" (MLP) que, em 1959, adotou a denominação de "AL FATAH" (vitória em árabe). Esta famosa denominação foi feita das iniciais do nome da organização, lido de trás para a frente: HARAKAT AT TAHRIR AL FILASTINI (ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA). A princípio, a "AL FATAH" consistia de um grupo de estudantes e intelectuais da faixa ocupada de Gaza e que posteriormente mudou-se para o KUWAIT. Lá foi fundado o jornal "Nossa Palestina", publicado em BEIRUTE. No primeiro editorial da primeira edição, ficou claro ser o principal objetivo da organização libertar a PALESTINA pelas armas e era feito um apelo aos governos árabes para que ajudassem os próprios palestinos a libertarem o seu país, sem interferir diretamente no movimento.

Embora em estágio rudimentar, a futura organização política e militarmente mais importante e mais forte estabeleceu as suas bases, mas os nomes dos mais conhecidos líderes - YASSER ARAFAT, SALAH KHALAF e KHALIL AL-WAZIRI, permaneceram secretos por muito tempo. Os membros do grupo começaram a trabalhar em condições de estrita clandestinidade, porquanto só poderiam residir no KUWAIT se não se envolvessem em qualquer atividade política. Por essa razão eles adotaram pseudônimos — ABU-AMAR (ARAFAT), ABU-AYAD (KHALAF) e ABU-JIHAD (AL-WAZIRI). Outras importantes personalidades a eles se juntaram:

ABU-LUFT (FRANK AL KADDUMI), ABU-YUSSEF (MUHAMMAD YUSSEF [illegible]), ABU-SAID (KHALID AL HASAN) e KAMAL ADIVAN. É digno de menção o fato de que estes sete fundadores do movimento em 1958 - 1960 continuaram a ser as figuras proeminentes e os líderes do Movimento de Resistência Palestina nas duas décadas seguintes.

"A respeito da liderança do Movimento Palestino durante os primeiros anos, fontes palestinas revelam que a FATAH nunca foi liderada por uma única personalidade e que o princípio da liderança coletiva foi observado desde o início. Ainda no KUWAIT, YASSER ARAFAT cedo se destacou entre os membros da liderança. Posteriormente ele foi indicado como o porta-voz do Movimento" (Juraj Rácz e Michael Janata em "From Camp David to Beirut, Praga, 1983).

A FATAH saiu da completa clandestinidade cerca de 1962 quando o governo da recém independente ARGÉLIA permitiu que os líderes palestinos estabelecessem os primeiros centros de treinamento para os seus combatentes em solo argelino. Por iniciativa de GAMAL ABDEL NASSER, os Chefes de Governo de Estados Árabes tiveram a sua primeira Conferência de Cúpula Árabe, em janeiro de 1964, realizado no CAIRO e que estabeleceu, entre outras coisas, que o povo palestino deveria organizar-se independentemente para conduzir a luta pela libertação da PALESTINA. AHMED SHUKEIRI foi designado representante da PALESTINA junto à Liga Árabe e encarregado de criar um Conselho Nacional Pal[illegible]tino.

[illegible] maio de 1964 teve lugar, em JERUSALÉM, a primeira Sessão do Congre[illegible]so Nacional Palestino, com a participação de membros da "AL FATAH" e a presença de 422 representantes palestinos da JORDÂNIA, SÍRIA, LÍBANO, GAZA, QATAR, KUWAIT e IRAQUE. Das resoluções mais importantes destacam-se:

- estabelecimento de uma ORGANIZAÇÃO PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA (OLP);
- criação de um FUNDO NACIONAL PALESTINO, para financiar a OLP com contribuições dos Governos árabes e do povo palestino;
- eleição de AHMED SHUKEIRI para Presidente do Comitê Executivo da OLP.

A segunda Conferência de Cúpula Árabe que teve lugar em setembro de 1964, em ALEXANDRIA, aprovou a criação da OLP, concordou com a formação de um EXÉRCITO DE LIBERTAÇÃO DA PALESTINA (ELP) e es-

tabeleceu as obrigações de cada país árabe para com o movimento.

Embora a OLP tivesse absorvido muitos dos pequenos grupos surgidos no início dos anos 60, a "AL FATAH", o setor palestino do MNA de GEORGE HABASHE e algumas outras organizações, mantiveram a sua independência, não obstante continuarem a participar da OLP.

"ARAFAT, desde cedo, viu o perigo que ameaçava o movimento. A assembléia constituída por personalidades de destaque, convocada por instigação da Liga Árabe, só tinha por fim canalizar o nacionalismo dos palestinos. A OLP estava assim destinada a se tornar um instrumento dócil de GAMAL ABDEL NASSER. Seu chefe, AHMED SHUKEIRI, velho político astucioso, de pronto mostrou-se um carreirista. Era preciso então tomar depressa a OLP, a qualquer preço, sob o risco de vê-la desaparecer. A "AL FATAH" decidiu então passar à ação. Em janeiro de 1965, a "ASSIFA" (TEMPESTADE), ramo militar da organização, realizou a sua primeira operação em território israelense" (Christien Hoche, L'Odisseé Palestinienne, L'Express, 03 Set 82, Paris).

A maioria do povo palestino embora visse a "AL FATAH" como a única organização a se empenhar na luta armada, continuava a confiar no apoio que viria por parte dos países árabes. SHUKEIRI, preocupado apenas com o seu prestígio pessoal, nada fazia para impor o nome da OLP, que era impedida de desenvolver um trabalho político na JORDÂNIA, enquanto NASSER tudo fazia para mantê-la sob o seu controle, por interesses alheios aos objetivos específicos da organização.

Em 1966, iniciou as suas operações um grupo militar denominado "ABTAL AL AUDAH" (HERÓIS DO RETORNO) originário do setor palestino do MNA. Este grupo passou a atuar junto com o ELP. Pouco antes da "Guerra dos Seis Dias", o MNA criou um novo grupo denominado "CHEHEB AL TAHRIR" (JOVENS DA VINGANÇA).

Em junho de 1967, deflagrada a guerra árabe-israelense, o ELP e os grupos recém criados mostraram-se totalmente inoperantes. A "AL FATAH" decidiu continuar a luta sozinha. Toda a PALESTINA compreendida nos limites do mandato (70.000 km^2) é dominada por ISRAEL. Aos palestinos só resta a submissão ou o exílio. Mais da metade dos refugiados registrados pelos organismos da ONU em maio de 1967, cerca de 1.344.500, viviam nas regiões ocupadas durante a "Guerra dos Seis Dias": a faixa de Gaza, a península do Sinai, a Cisjordânia e o Golan.

Duzentas mil pessoas, das quais pelo menos cem mil refugia-

dos já matriculados, atravessam o Jordão, de oeste para o leste. negras as suas perspectivas: viver amontoados em acampamentos de barracas, com uma alimentação de 1.500 calorias por dia e sob a desconfiança dos países hospedeiros.

Para os palestinos, os regimes árabes e a própria OLP estavam completamente desacreditados. Sua única esperança era a "AL FATAH" que ARAFAT transformara em símbolo da resistência armada.

Os "fedayin" desde outubro de 1967 estavam em franca atividade, realizando "raids" de comando nas cidades da Cisjordânia (NAPLUS, RAMALLAH, JERUSALÉM, etc). Os palestinos dos campos, que se constituem na grande massa da organização, se alistam às centenas nos postos de recrutamento. Proliferam grupos, de maior ou menor envergadura, apoiados e financiados por este ou aquele país árabe (preocupados em não deixar com a "AL FATAH", o monopólio da luta armada) e também pelos países comunistas (URSS e seus satélites, CHINA) e movimentos de esquerda no plano internacional. ISRAEL representava o mundo capitalista, sustentado ostensivamente pelos EUA, o que aglutinava a simpatia e a colaboração de todo o mundo socialista e anti-americano.

Em 1969, por ocasião do V Congresso Nacional Palestino, YASSER ARAFAT assume a liderança da OLP então empolgada com divisões e rivalidades entre as diversas organizações empenhadas na luta de libertação.

3. ORGANIZAÇÕES GUERRILHEIRAS

3.1. AL FATAH

Como já foi dito anteriormente, a "AL FATAH" foi criada por um grupo de estudantes residentes na faixa de Gaza e que posteriormente mudou-se para o KUWAIT. Trabalhando na mais estrita clandestinidade, os seus líderes usavam pseudônimos destacando-se dentre eles YASSER ARAFAT (ABU-AMAR), engenheiro formado na Universidade do CAIRO e nascido em JERUSALÉM em 1929. Fôra Presidente da União dos Estudantes Palestinos, instrutor dos comandos palestinos e egípicios que lutaram contra os ingleses na região de Suez, foi perito em demolições a serviço do Exército Egípicio. Como um dos líderes da "AL FATAH", desenvolveu intensa atividade política, criando células da

organização no KUWAIT e outros países árabes, assim como na ALEMANHA OCIDENTAL.

Não obstante as dificuldades encontradas no início (falta de apoio financeiro e político), com o desenvolvimento da luta do povo palestino e das ações militares da "AL ASSIFA" (TEMPESTADE), braço armado da organização, a "AL FATAH" foi pouco a pouco se firmando como o mais poderoso grupo em luta pela libertação da PALESTINA.

O apoio financei[illegible], a assistência militar e o fornecimento de armas por parte dos países socialistas, contudo, transformou uma organização de nacionalistas islamitas palestinos, num agrupamento heterogêneo tendo um complexo de concepções políticas a influir nas decisões que objetivavam o fim comum: a libertação nacional.

Ao surgir em 1959, a linha de ação da "AL FATAH" apoiava-se nos seguintes pontos:

- a violência revolucionária é a única via para a libertação da pátria;
- esta violência deve ser exercida pelas massas populares;
- nosso objetivo é eliminar toda identidade sionista sobre o território ocupado da PALESTINA, em suas formas política, econômica e militar;
- a ação revolucionária deve ser independente de todo o controle dos partidos ou Estados;
- a luta revolucionária será de longa duração;
- a revolução é palestina na origem e árabe em seu desenvolvimento.

Procurando exercer um papel moderador entre as várias correntes, nem sempre foi-lhe possível manter um controle efetivo, como ocorreu com os terroristas da "SETEMBRO NEGRO".

Apesar disso a "AL FATAH" continua sendo a maior das organizações em luta, tendo hoje cerca de nove mil combatentes, ou mais, pois não são coincidentes as cifras colhidas em fontes diversas.

A "AL FATAH" desenvolve intensa atividade política junto à população palestina islamita e a nível internacional. A "AL ASSIFA" foi na realidade, no início das suas ações guerrilheiras, um nome de cobertura para não desgastar a imagem da "AL FATAH".

Atualmente, tendo YASSER ARAFAT assumido a direção da OLP, a "AL FATAH" sofreu cisões que refletem o conflito intenso de tendências, conflito esse que é um reflexo de outro maior, dentro da pró-

pria OLP, sobre a condução política e militar da organização. Este aspecto da questão palestina será abordado mais adiante.

3.2. AL SAIKA (RAIO)

Este grupo guerrilheiro congrega os palestinos da SÍRIA; mantém absoluta fidelidade ao partido sírio BAATH, sendo apoiado fortemente pelo governo de DAMASCO.

As suas atividades foram iniciadas após a guerra de junho de 1967, tendo MAHMOUD EL-MAAITA como um dos seus principais dirigentes. Atualmente o seu líder é ZOHEIR MOHNSEN, que comanda cerca de três mil militantes.

Integrado à OLP desde 1968, sempre recebeu apoio da URSS e tem como meta a formação de um Estado árabe unitário e socialista na PALESTINA. O nacionalismo extremado que orienta a política baasista da "AL SAIKA", tem motivado divergências no seio da OLP.

3.3. FRENTE POPULAR PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA (FPLP)

Após a "Guerra dos Seis Dias" (junho de 1967), houve a fusão de três grupos que atuavam na Resistência: o setor palestino do MOVIMENTO NACIONALISTA ÁRABE (MNA) chefiado por GEORGE HABASHE; o "JOVENS DA VINGANÇA" (CHEHEB AL TAHRIR), braço armado do MNA; o "HERÓIS DO RETORNO" (ABTAL AL AUDAH), chefiado por AHMED DJIBRIL, que passaram a formar a "FRENTE POPULAR PARA LIBERTAÇÃO DA PALESTINA" (FPLP), a qual iniciou as suas ações militares em novembro de 1967. Em 1968, juntou-se à FRENTE um grupo constituído na JORDÂNIA: o "MOVIMENTO DOS OFICIAIS LIVRES".

A liderança da nova organização ficou com GEORGE HABASHE, médico formado na Universidade Americana de BEIRUTE e que exerceu a profissão em AMÃ até se dedicar inteiramente ao MNA.

Árabe-cristão, HABASHE adota o marxismo-leninismo como linha política, mas o seu estreito relacionamento com os regimes árabes serviu de argumento às dissidências que se observaram a partir de 1968, quando AHMED DJIBRIL afastou-se para a criar a "FPLP - COMANDO GERAL". NAYEF HAWATMEH, chefiando uma ala mais à esquerda, em 1969 rompe com HABASHE e cria a "FRENTE DEMOCRÁTICA POPULAR PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA" (FDPLP).

Não obstante essas defecções, desenvolveu intensa atividade

realizando atentados e seqüestros de aviões em ARGEL, ATENAS, ZURICH e DAMASCO o que lhe conferiu certa notoriedade.

Apoiada pela URSS, CHINA e demais países socialistas, tem, contudo, perdido terreno dentro da Resistência, dada a sua postura radical, recusando qualquer negociação política, não aceitando soluções outras que não sejam as conquistadas pelas armas, numa luta de longa duração.

O hebdomadário "Al Hadawi" é o órgão informativo e doutrinário do grupo. Tem um efetivo de cerca de mil combatentes.

3.4. FRENTE DEMOCRÁTICA POPULAR PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA (FDPLP)

NAYEF HAWATMEH, jordaniano de origem palestina, marxista ortodoxo, veterano de revoluções e guerras revolucionárias no mundo árabe (IÊMEN DO SUL, LÍBANO, JORDÂNIA, IRAQUE), liderando um facção comunista pró-URSS, entrou em desacordo com a orientação que HABASHE dava à luta de libertação palestina, com as contradições quanto ao relacionamento com os regimes árabes e com o posicionamento radical de não aceitar negociações políticas com ISRAEL, rompendo com a FPLP para fundar a "FRENTE DEMOCRÁTICA POPULAR PARA A LIBERTAÇÃO DA PALESTINA" (FDPLP), em fevereiro de 1968.

Os pontos principais do programa da FDPLP foram assim definidos:

- luta pela instalação na PALESTINA de um Estado democrático e laico;
- esse objetivo deve ser atingido mediante etapas;
- formação de uma frente nacional com um programa mínimo comum;
- concentração no trabalho político dentro dos territórios ocupados e nos campos de refugiados;
- independência em relação aos regimes árabes;
- na medida do possível, diálogo e ação conjunta com os grupos progressistas e anti-sionistas de ISRAEL.

A FDPLP recebe apoio da URSS, dos países socialistas e a própria "AL FATAH" prestou auxílio no início de suas atividades.

Enquanto HABASHE coloca em primeiro plano as ações militares isoladas, HAWATMEH dá grande importância ao trabalho político junto

à massa e os seus combatentes recebem aulas diárias de [illegible] marxista.

O "Al Hurriyah", publicação informativa e doutrinária do grupo, defende sistematicamente um "programa de etapas", propondo a criação de um Estado palestino na Cisjordânia e Gaza, como o primeiro passo em direção a um objetivo mais amplo: um Estado democrático e laico na PALESTINA.

HAWATMEH crê que a única maneira de impedir a anexação da Cisjordânia à Coroa hachemita, é a criação de um Estado palestino nesta região. Esse posicionamento assim como a negociação política para a solução da questão palestina, foram dois dos principais fatores do rompimento entre HABASHE e HAWATMEH. Conta com cerca de mil combatentes. Segue uma linha pró-soviética.

3.5. FRENTE POPULAR PARA LIBERTAÇÃO DA PALESTINA - COMANDO GERAL (FPLP-CG)

AHMED DJIBRIL, nascido na PALESTINA, pertenceu ao Exército Sírio e em 1967 ligou-se a GEORGE HABASHE. Em 1968, rompeu com a FPLP, passando a liderar um grupo que recusa qualquer solução negociada com os israelenses. O grupo não dispensa maiores atenções à doutrinação ideológica, ou ao engajamento à política deste ou daquele país árabe que possa vir a ajudá-lo no combate à ISRAEL.

Mantém relações com a LÍBIA, IRAQUE e recebe apoio soviético.

AHMED DJIBRIL é conhecido nos setores palestinos por suas posições extremistas, mas carece de peso dentro da estrutura da OLP e possui um corpo de combatentes muito pequeno: cerca de 500.

3.6. FRENTE NACIONAL PALESTINA DOS TERRITÓRIOS OCUPADOS (FNP)

Criada em agosto de 1973, sob a liderança de ARABI AWWADI, a FNP é a mais nova organização da Resistência. Os seus militantes, atuando principalmente na Cisjordânia e em Gaza, devido ao alto grau de repressão israelense, agem na mais absoluta clandestinidade.

Um dos seus objetivos é o estabelecimento de uma frente palestino-jordaniana. A FNP congrega elementos de todas as classes sociais dos territórios ocupados e os adversários do governo HUSSEIN. Por ter como objetivo reunir o maior número de forças sociais e polí

ticas, a nova organização reune várias tendências de marxistas, liberais e nacionalistas. Poderá vir a ser um grupo de valor considerável, dependendo do desenvolvimento da luta.

Assim como a FPLP-CG e a FNP, outros grupos menores foram criados mas que não têm grande peso dentro da Resistência. Neste quadro estão incluídos a "FRENTE DE LIBERTAÇÃO ÁRABE" (FLA) e a "FRENTE DE LIBERTAÇÃO PALESTINA" (FLP).

3.7. FRENTE DE LIBERTAÇÃO ÁRABE (FLA)

Liderada por ABDERRAHMANE AHMED, congregando cerca de 500 militantes, a FLA segue uma orientação subordinada à BAGDÁ, sendo apoiada pelo partido BAATH do IRAQUE.

3.8. FRENTE DE LIBERTAÇÃO PALESTINA (FLP)

É constituída por cerca de 350 militantes que se cindiram da organização de AHMED DJIBRIL, e sob a liderança de ABU ABBAS, desenvolvem as suas atividades com o apoio e a orientação do IRAQUE.

Duas organizações palestinas de caráter puramente terrorista, devem ser citadas à parte: a "SETEMBRO NEGRO" e a "JUNHO NEGRO".

3.9. SETEMBRO NEGRO

Os refugiados palestinos acampados na JORDÂNIA, foram aos poucos adquirindo uma tão grande autonomia que criaram um poder paralelo ao do Rei HUSSEIN. Lado a lado com os soldados hachemitas, os "fedayin" controlavam as fronteiras, possuiam serviços de informações independentes, estabeleciam as ordens nos campos de refugiados, tinham, enfim, quase que prerrogativas de um Estado dentro do Estado jordaniano.

A doutrinação ideológica, de cunho puramente marxista no seio das massas palestinas, atingia as bases das forças armadas hachemitas que eram constituídas em grande parte por soldados de origem palestina.

HUSSEIN, sentindo o seu trono ameaçado, desencadeou uma violenta ofensiva contra os guerrilheiros "fedayin", tanto em AMÃ como no interior, em setembro de 1970. Houve um verdadeiro massacre.

OLP, segundo Christien Hoche, do semanário francês "L'Express", perdeu mais homens do que ela tinha perdido até então no curso das guerras árabe-israelenses.

A derrota abalou profundamente as bases da OLP, que teve de transferir o seu centro político para BEIRUTE e o centro militar para DAMASCO.

Neste contexto, a "AL FATAH" com a sua autoridade moral sobre os guerrilheiros inteiramente desgastada, não podendo resistir às pressões vindas das bases, aceitou e apoiou um grupo terrorista, constituído de jovens fanáticos, dispostos ao auto-sacrifício, que passaram a executar missões suicidas, que comoveram o mundo.

A sua primeira ação foi o assassinato, no CAIRO, do Primeiro-Ministro jordaniano, WASFI TELL, que comandara a repressão aos guerrilheiros na JORDÂNIA, em 1970.

Seguiram-se vários outros atentados terroristas, principalmente na Europa, sendo que o de maior repercussão foi o praticado nas Olimpíadas de MUNICH em 1972, contra a delegação israelense.

Não se sabe com certeza quem comandava o grupo. Os israelenses apontam HASSAN SALAMEH, chefe do serviço secreto da "AL FATAH". Outros atribuem o comando a ABU JIAHD, treinado na CHINA e comandante militar da "AL FATAH" ou a ABU YIAD, líder da Tendência Esquerdista.

Após o atentado de MUNICH, a "SETEMBRO NEGRO" foi paulatinamente diminuindo as suas ações e atualmente, com a nova política da OLP em busca de uma solução diplomática, segundo a orientação de ARAFAT, não é de se esperar que a "AL FATAH" dê cobertura a atentados terroristas como os da "SETEMBRO NEGRO".

É verdade que grupos intransigentes e ultra-radicais vêm tentando impedir a realização de acordos, criando dissidências dentro da própria "AL FATAH" e que para conseguir o seu desiderato, não vacilarão em recorrer ao terrorismo. Não se sabe se o grupo que constituiu a "SETEMBRO NEGRO" desapareceu completamente.

3.10. JUNHO NEGRO

HASSAN SABRI AL-BANNA, cujo nome de guerra é ABU NIDAL, comanda um grupo extremista radical de terroristas mundialmente conhecido sob a denominação de "JUNHO NEGRO".

Como um dos fundadores da "AL FATAH", ABU NIDAL nun[illegible] segredo do seu sentimento por não ter se tornado o líder da organização em lugar de ARAFAT. Em 1973, foi designado representante da OLP em BAGDÁ como um recurso dos seus companheiros para evitar que ele continuasse a criar problemas na alta direção da "AL FATAH".

Com o apoio dos iraquianos, criou o grupo terrorista que denominou "JUNHO NEGRO". Embora alegando que a finalidade do grupo é vingar o massacre de palestinos, ABU NIDAL age sobre alvos indicados pelo serviço secreto do IRAQUE, recebe consideráveis recursos fornecidos por aquele país e pela LÍBIA, desde que foi expulso da OLP e condenado à morte "in absentia", sob a acusação de tramar o assassinato de YASSER ARAFAT.

Na realidade, o "JUNHO NEGRO" é peça de manobra dos líderes iraquinaos que desejam controlar a OLP e que mantêm acesa a rivalidade entre BAGDÁ e DAMASCO, mas a meta suprema do grupo é satotar qualquer ação moderada da OLP ou de personalidades capazes de ter influência numa solução diplomática para a questão palestina.

Um dos últimos atentados do grupo de ABU NIDAL, foi o assassinato, em LISBOA, em 10 Abr 1983, do conselheiro de ARAFAT, YSSAM SARTAVI, que representava a OLP junto à Internacional Socialista e era o elemento de ligação com certos grupos de ISRAEL favoráveis ao reconhecimento daquela organização. SARTAVI já havia aberto o caminho para a OLP e ARAFAT na ONU, aproximara a Comunidade Econômica Européia dos palestinos e buscava com o auxílio de BRUNO KREISKY, da ÁUSTRIA, um encontro entre REAGAN, BEGIN e ARAFAT, tentando uma solução final para o problema do Oriente Médio.

Os inúmeros atos terroristas levados à cabo pelo "JUNHO NEGRO" no plano internacional, apresentam um traço comum: "questionar e até inviabilizar uma saída negociada para o Oriente Médio" (Beatriz Bissio, "Terceiro Mundo", nº 54, maio, 1983).

SARTAVI acusava ABU NIDAL "não como um extremista a serviço da Frente de Rejeição, mas um renegado a serviço de ISRAEL". Segundo Eliezer Strauch, correspondente de "O Globo", SARTAVI considerava que os atentados do "JUNHO NEGRO" serviam a dois objetivos: "traumatizar a opinião pública judaica no mundo, induzindo-a a cerrar fileiras e pôr de lado suas objeções à política de guerra dos atuais mandatários de JERUSALÉM; dificultar a ação política da OLP na área diplomática ao colocá-la sob suspeita de persistir nos métodos de

terror" (O Globo, 17 Out 82).

Entre setembro de 1976 até o final de 1977, o "JUNHO NEGRO" operou sob a influência de BAGDÁ, contra alvos sírios: ataque ao Hotel Semiramis em DAMASCO, tomando reféns; ataque às embaixadas sírias em ROMA e ISLAMABAD (PAQUISTÃO); ataque ao Hotel Intercontinental na capital da JORDÂNIA, então aliada de DAMASCO; atentado à vida do Ministro do Exterior da SÍRIA, em ABU-DEVABI, são alguns exemplos. A partir de então, ABU NIDAL dedicou-se a operações contra judeus e contra a política da OLP por vários meios e em diversos países: assassinato do Presidente do Sindicato dos Jornalistas Egípcios que apoiava a iniciativa de paz de SADAT; assassinatos de representates da OLP em LONDRES, no KUWAIT e em PARIS, que mantinham contatos com intelectuais israelenses; ataque de pistoleiros contra judeus numa sinagoga de ROMA, com o objetivo de constranger o PAPA que dias antes recebera ARAFAT apesar dos protestos da comunidade judaica.

A ÁUSTRIA, após o apoio de BRUNO KREISKY à causa palestina, tornou-se alvo do ABU NIDAL. Em maio de 1981 foi assassinado HEINZ NITTEL, conselheiro municipal e Presidente da Sociedade de Amizade Austríaca-Israelense; em agosto de mesmo ano, foram lançadas granadas contra a sinagoga de VIENA, matando duas pessoas e ferindo várias; em setembro, em VIENA, foram presos dois elementos do "JUNHO NEGRO", portando um pequeno arsenal destinado a um complô contra SADAT, que cancelou a visita que faria à ÁUSTRIA.

Na BÉLGICA, cujo governo defendia o reconhecimento da OLP pela Comunidade Econômica Européia, foram assassinados em 1980, pelo grupo de ABU NIDAL, o adido israelense e o representante da OLP em BRUXELAS, que mantinha contatos com israelenses favoráveis ao diálogo; um grupo de escolares judeus foi metralhado em ANTUÉRPIA. Na FRANÇA, após o governo MITTERRAND ter intensificado os entendimentos com a OLP, novos atentados contra judeus voltaram a ser praticados, com a finalidade de unir a comunidade judaica contra os entendimentos com a OLP.

Finalmente, em 1982, o próprio ABU NIDAL vangloriava-se por terem sido seus homens que tentaram assassinar o embaixador de ISRAEL em LONDRES, SHLOMO ARGOV, o que abriu caminho para a operação - "PAZ NA GALILÉIA" e a guerra israelo-libanesa. Do seu esconderijo em BAGDÁ, ABU NIDAL trama a derrubada de ARAFAT da liderança da OLP

e do comando do "AL FATAH" e, como declarou ao mensário "The Middle East", atingir os seus objetivos nesta ordem: "em primeiro lugar, a destruição do sionismo, em segundo os regimes reacionários da SÍRIA, JORDÂNIA e LÍBANO".

O assassinato de SARTAVI, em LISBOA, atrás citado, foi mais um dado a favor do juízo que os analistas da questão palestina fazem sobre a estratégia de ABU NIDAL.

4. A ESTRUTURA GOVERNAMENTAL DA RESISTÊNCIA DO POVO PALESTINO (OLP)

4.1. CONSELHO NACIONAL PALESTINO (CNP)

O CNP é o Parlamento, no exílio, do povo palestino. Reune-se em média de 2 em 2 anos e é responsável pelas grandes decisões de orientação política da OLP. É composto por 315 membros assim distribuídos:

a) Representantes dos movimentos de luta armada - 94 membros

- AL FATAH - 33
- AL SAIKA - 12
- FPLP - 12
- FDPLP - 12
- FLA - 9
- FPLP-CG - 8
- FLP - 4
- FLPP - 4

OBS: Não há maiores referências sobre a FRENTE DE LUTA POPULAR PALESTINA (FLPP). É possível que se trate de uma nova denominação da FRENTE NACIONAL PALESTINA DOS TERRITÓRIOS OCUPADOS (FNP).

b) Representántes das Associações Sócio-Profissionais - 51 membros (na dependência da "AL FATAH")

- Trabalhadores - 12
- Mulheres - 8
- Professores - 7

- Estudantes - 7
- Escritores e Jornalistas - 3
- Juristas - 3
- Engenheiros - 3
- Médicos - 5
- Jovens - 2
- Artistas - 1

Entre as associações representadas, destacam-se: a "União Geral de Mulheres Palestinas", a "União Geral dos Agricultores Palestinos", a "União Geral dos Escritores e Jornalistas Palestinos", a "União Geral dos Estudantes Palestinos" e a "Sociedade Crescente Vermelho", fortemente influenciados pela URSS.

c) Representantes da "Diásporà Palestina" - 62 membros

- JORDÂNIA - 17
- LÍBANO - 9
- SÍRIA - 7
- IRAQUE - 1
- KUWAIT - 9
- ARÁBIA SAUDITA - 8
- ABU-DHABI - 2
- QATAR - 2
- AMÉRICAS DO NORTE E DO SUL - 7

d) Representantes ligados às três categorias precedentes - 108 membros

- Personalidades Independentes - 75
- Personalidades Notáveis - 33

O CNP conta ainda com 122 delegados do interior, que não têm cadeiras afim de evitar as represálias de que poderiam ser alvo por parte de ISRAEL, segundo Christian Troubé, em artigo publicado na revista "Croissance des Jeunes Nations" em abril de 1983.

O atual Presidente do CNP é KHALED AL-FAHUM.

No intervalo das reuniões, o CONSELHO CENTRAL DA OLP (CCOLP) tem o encargo de velar pela boa aplicação das resoluções do CNP e

controla os trabalhos do COMITÊ EXECUTIVO, o qual é, em última análise, o Governo palestino. O CCOLP é constituído de 55 membros.

4.2. COMITÊ EXECUTIVO DO CNP

A décima-sexta reunião do CNP realizada na ARGÉLIA em 22 Fev 1983, reduziu para quatorze o número de membros do seu COMITÊ EXECUTIVO, que anteriormente era constituído de quinze. Este órgão representa o Poder Executivo, enquanto o CNP representa o Poder Legislativo. São estes, atualmente, os nomes que constituem o CE:

- YASSER ARAFAT (ABU AMAR), da "AL FATAH" - Presidente
- FAROUK KADDOUMI (ABU LOFT), da "AL FATAH"
- MOHAMMED ABBAS (ABU HAZEN), da "AL FATAH"
- YASSER ABBED RABBO, da FDPLP
- AHMED EL YAMANI, da FDPLP
- MOHAMED KHALIFE, da "AL SAIKA"
- TALAL NAJI, da FPLP-CG
- ABDELRAHIM AMAD, da FLA
- ABBEL MAZEN ABU-MAYZAR, independente
- HANNA NASIR, independente
- MOHAMMED EL-NACHACHIBI, independente
- JAMAL SOURANI, independente
- HAMED ABAR SETTA, independente
- AHMAD SIDKI EL-DAJJANI, independente

Cada membro do COMITÊ EXECUTIVO tem a seu cargo um Departamento que equivaleria a um Ministério. Há, assim, um Departamento Político, um Departamento Militar, um Departamento Financeiro, um Departamento para Organizações (sindicatos, uniões classistas, etc).

Todos os Departamentos são responsáveis ante o Presidente do CONSELHO EXECUTIVO e todo o EXECUTIVO é responsável ante o CONSELHO NACIONAL, órgão máximo da OLP.